

Só uma portuense para descobrir o Porto

A descer para o aeroporto de Sá Carneiro, a vista da cidade é impressionante. Qual cascata de S.João, as cores garridas das casas ribeirinhas sobressaem na encosta da solenidade austera que mostra as suas fachadas e ruas de granito, embelezadas pelos azulejos, uma das características portuguesas e que abundam na fachada dos monumentos históricos, nas suas múltiplas igrejas ou dentro dos edifícios, como na Estação de S. Bento, um dos ex-libris da cidade. Os azulejos são parte da identidade do Porto. Essa arte, trazida pelos mouros, aperfeiçoada pelos portugueses ao longo dos séculos, simboliza a ligação entre o passado e o presente.

O granito, pedra dura mostra o caráter das suas gentes. A Ponte Dom Luís I, por exemplo, é uma obra-prima da engenharia, projetada por um discípulo de Eiffel, que conecta as duas margens do Douro de forma imponente e elegante.

Em 1415, reinava D. João I, a cidade ajudara a construir uma armada, doando todos os bens alimentares ao Infante, ficando com as miudezas. Assim se originou o prato regional **tripas à moda do Porto** e o nome «**Tripeiros**», como somos conhecidos. Não foi por acaso que D. João I escolheu a cidade para o seu casamento e para o nascimento de D. Henrique, o navegador, um portuense ilustre.

E há um outro prato típico «a francesinha», que qualquer visitante deve degustar.

No seu brasão pode ler-se desde 1834, no reinado D. Pedro IV, «Antiga, Mui Nobre, sempre Leal e Invicta Cidade». Também este rei amava esta cidade, que, sendo enterrado no Brasil, deixou o coração no Porto, na Igreja da Lapa.

Enquanto cogitava nas minhas origens, o avião aterrara no aeroporto Sá Carneiro e já se aproximava o autocarro para nos levar para o cais de desembarque, passando por uma minuciosa vistoria, fruto de alguns atentados terroristas.

O Pedro estaria à minha espera? Às vezes, gostava de ser «machista». Eu era das felizardas. Tinha subido na empresa, muito com a ajuda dele, pois dividíamos tarefas e não havia distinções de género. E era um magnífico cozinheiro. Oxalá tivesse feito tripas.

Só um portuense descobre a alma da cidade, a sua essência tecida por lendas antigas, monumentos emblemáticos, cores vibrantes e uma alma melancólica que se reflete na sua arquitetura (a arquitetura do ferro nas suas pontes e no mercado Ferreira Borges), e ilustres exemplos de Arte Nova nos edifícios comerciais, nos cafés e nas habitações, uma arte

que articulou de forma brilhante o ferro e o vidro contribuindo para o embelezamento da cidade.

A Igreja e Torre dos Clérigos, o cartão-postal da cidade, do século XVIII de Nicolau Nasonni fez-me recordar a benção das fitas e a missa que se seguiu e depois a serenata na Sé, um edifício românico em granito, bem junto do Palácio do Infante.

Afinal, o meu receio não se concretizara. Lá estava ele com os gémeos, o João e a Joana, no carrinho, dois pequenos terroristas, que iam buscar o temperamento e o aspeto físico ao pai com cabelos encaracolados e olhos cor do mar em dias de calmaria.

Foi um acolhimento caloroso e aquele abraço e beijo apaixonado soube-me à saudade e ao espírito indomável dos portuenses.

- Vamos ter de encomendar. Não deu para fazer nada.

Eu lia-o como um livro aberto e cheirara-me a tripas. Não disse nada e apenas me ri. Que saudades daquele homem!

Também nós já tínhamos construído uma tapeçaria com as nossas histórias e tradições, tal como a cidade que dava a conhecer as suas lendas e memórias a quem as procurasse. Entre elas, a da Ferreirinha, Dona Antónia Adelaide Ferreira a dona de um império vinhateiro, a maior produtora do afamado vinho do Porto. O barco rabelo em que seguia naufragara. Antónia Ferreira salvou-se, graças às saias de balão que usava e que a levaram a flutuar até à margem do Rio Douro. O Barão de Forrester acabou por ser puxado para o fundo do rio devido ao cinto carregado de libras de ouro.

Desde tempos imemoriais, outra lenda conta sobre os pescadores que, na noite de São João, acendem fogueiras e celebram a chegada do verão, mantendo viva a magia dessas tradições ancestrais com o rio, com o mar e com suas raízes culturais.

A Estação de S. Bento é uma das joias do Porto, um verdadeiro museu de azulejos que conta a história do país através de painéis decorativos. Construída no século XX, a sua fachada impressiona pela beleza e pelos detalhes minuciosos. Os azulejos, no interior, retratam cenas históricas, religiosas e do quotidiano português, mostrando a riqueza artística do Porto. Até aos finais do século XIX, a estação era o convento Beneditino das Freiras de São Bento de Avé Maria. Com a extinção das ordens religiosas, o edifício desmoronava-se e as abadessas foram morrendo, uma a uma. E ficou uma que ainda hoje se vê a deambular pela estação à noite e há quem ouça os lamentos da freira.

No centro antigo, as ruas estreitas e sinuosas revelam o charme da história portuense.

O sentimento de saudade é uma marca indelével do povo do Porto. Fado, canções tradicionais e poemas refletem essa alma introspectiva, que encontra beleza na nostalgia e na memória do que foi e do que poderia ter sido.

A Ribeirinha, à beira do rio, é um espaço de encontros, de lazer e de contemplação. Os cais, restaurantes e bares oferecem vistas espetaculares do rio, especialmente ao pôr do sol. É o coração pulsante do Porto, onde a cidade se conecta com as suas raízes marítimas. Já o Palácio de Cristal, século XIX, é um refúgio de tranquilidade e beleza natural. para exposições, eventos culturais e momentos de relaxamento.

O Porto é conhecido como a "Cidade das Camélias" devido à forte presença e beleza dessas flores na cidade, especialmente durante o inverno, quando florescem, dando-lhe o nome de japoneiras.

-Isabel, chegamos.

Aqueles olhos azuis mostravam uma ternura sem fim. Embalada pela minha cidade, eu tinha adormecido. Felizmente, os gémeos também tinham adormecido.